

*A paixão não se domestica  
e dificilmente poderá exercitar-se*

  
*Premio Qualidade Prosa*

*Escritas Artes*

*Abril 2008 - Damasco*



**Algures por esses dias ficou traçado que eu seria de paixões in 'Catarina'.  
Exercita a paixão pela escrita ou vai-se apaixonando pelo que escreve?**  
(Dionísio)

---

A paixão não se domestica e dificilmente poderá exercitar-se. Pelo que escrevo nem sempre me apaixono, embora possa sentir outra coisa qualquer. As minhas palavras não me são indiferentes, consigo reconhecê-las como minhas. Mesmo quando acontece ler coisas mais antigas, reconheço-me. Não creio sequer que isso seja um acto de paixão. Há-de ser um acto de qualquer coisa. Um acto meu, certamente.

**Sente-se, pelo que escreve, um perfeito domínio da arte de bem escrever.  
Quando se decide a criar, qualquer estado de espírito serve esse desiderato?**  
(Dionísio)

---

Obrigado pelo domínio da arte de bem escrever, embora não concorde consigo.

Não consigo definir exactamente qual o meu estado de espírito quando escrevo. Escrevo quando me apetece, suponho. Se isso corresponde a um estado de espírito específico, não sei. Mas sei que, quando escrevo, tenho de estar com disponibilidade mental para as palavras e para dialogar internamente. Para mim, a escrita não é um acto de solidão; é um acto social (com as minhas personagens, entenda-se).

**A escrita é uma urgência ou emergência na sua vida?** (Dionísio)

---

Já tentei disciplinar o acto da escrita, deixar de o tornar um acto tonto e irreflectido. Confesso que não tive muito sucesso. Por enquanto, ainda é urgência, outras vezes emergência. Vou continuar a tentar dominá-la. Provavelmente, nessa altura, vou acabar com ela. Ainda assim, adiante.

**Como nasceu a sua paixão pela escrita? Quer falar-nos do seu percurso literário?** (Conceição)

---

Descobri o prazer da leitura e, simultaneamente, o prazer de perceber a escrita como um acto livre com o livro 'Onde cai a sombra' de Américo Guerreiro de Sousa. Já faz muito tempo que o li, apareceu por aí meramente por acaso, uma vez que estava de cama, e nem sei dizer ao certo qual é a história. Sei que foi nessa altura que descobri que as palavras não eram coisas chatas, externas, que podíamos fazê-las nossas, usá-las como tivéssemos sido nós a criá-las. Dessa forma o escrever torna-se, intrinsecamente, nosso. Pelo menos, é uma ilusão acolhedora.

Quanto ao percurso literário, não o tenho. Apenas vou escrevendo.

**Que conselho daria a alguém que se inicia a escrever prosa?** (Conceição)

---

Ler, ler, ler, ler, ler. Ler muito. Ler coisas diferentes. E escrever. Escrever diferente. Escrever sem a preocupação nas palavras.

Curiosamente, alguns dos textos mais sublimes que já li foram escritos por um esquizofrénico. Não dominava as formalidades da escrita, transgredia as mínimas regras da construção gramatical, usava palavras estranhas, inventadas por ele. E, no

entanto, quem o lesse lia-lhe a alma. Ele esforçava-se muito e, até isso, podia ler-se mesmo sem estar escrito.

### **Como qualifica o site Escritartes? (Conceição)**

---

Um fórum de encontro entre gente que gosta de escrever e de ler e de partilhar o que escreve. De utilidade pública, sem dúvida.

**Damasco? Quando li o seu nick (ou nome) pela 1ª vez, foi inevitável a correlação com o fruto e com a árvore que o dá. Uma árvore algo frágil. Procurei saber mais sobre si, li a sua apresentação, e deparei-me com esta frase 'Como não me sei dizer, sou tosco em apresentações e não sou abonado em clarividência ...digo olá e acabo com o constrangimento.' Quem é (ou como se vê) o Damasco? Porque todos nós temos, queiramos ou não, um olhar sobre nós mesmos... (Mel de Carvalho)**

---

Damasco é o nome que uso para escrever no Escritartes. Acabou por ser um nome aleatório, entre tantos outros que poderia escolher, entre os quais o meu nome de baptismo, que, diga-se, é bem menos estimulante e tão ou mais aleatório que outro qualquer. Damasco acompanha-me há bastante tempo em vários contextos e não deve, de todo, ser entendido como um pseudónimo ou outro ónimo qualquer à giza de presumido trovador.

Lembro-me bem da razão que levou a escrever-me como damasco: em qualquer site em que me registasse já tinham usado o meu nome e, como tal, tive de encontrar um outro que o substituísse mas do qual me pudesse lembrar ou fizesse algum sentido. Lembrei-me que foi a caminho de Damasco que São Paulo viu a luz, converteu-se e até mudou de nome. Estou longe de ser santo, de qualquer conversão, experiência religiosa ou, sequer, ofício de fé. Provavelmente, disto só restou uma cidade com o nome de um fruto. Acabei por gostar da duplicidade e isso ajudou-me a memorizar. Neste momento é mais um artefacto histórico que um elemento vivo e criativo.

**Das leituras que fiz da sua prosa, soçobra-me a ideia de que as suas personagens são criadas a partir de um jogo de espelhos, ora côncavos ora convexos ou ainda mistos. O que lhe ocorre dizer sobre esta minha apreciação? (Mel de Carvalho)**

---

Poucas personagens que criei, e isto falando do que escrevi no Escritartes - e que me vi obrigado, entretanto, a reler - pegam na narrativa e a orientam, reescrevem a história. Pelo contrário, deixam-se levar pelos meus caprichos, pelo fundo em que as crio. Os acontecimentos e os contextos acabam por as fazer soçobrar. Por isso, talvez, a maior parte acaba sempre por morrer ou perder o brilho muito cedo. Muitas delas são o espelho de uma coisa qualquer, não possuem uma identidade suficientemente forte que as faça serem verdadeiramente originais. Por sua vez, tornam-se, elas próprias, o espelho de outras personagens. Não quer isto dizer que sou sádico com elas. Ou, pelo menos, não penso que o seja. A cada uma delas cabe cumprir, com a máxima abnegação e seriedade, aquilo a que foram chamadas. Por isso, também, nenhuma aparece por mero acaso, com o nome que tem, com as características que apresenta.



Por outro lado, as personagens mais fortes são fantasiadas, não têm um estatuto bem definido. E isso, suponho, é por transcenderem o texto que escrevo. Nesse caso, acabam por ser o espelho convexo das outras personagens.

### **Projectos para o futuro em termos literários, tem alguns? (Goreti)**

---

Não tenho nenhum projecto literário. Sim, quero continuar a escrever. Mais, de preferência. Só pelo gozo. E, claro, publicar seria, também, um enorme gozo.

### **Um olhar sobre o virtual...pode dar-nos o seu ponto de vista? (Goreti)**

---

O virtual, no sentido de comunicação mediada por tecnologia, obrigou-nos a desdobrar, recriar e diferenciar ainda mais a identidade própria; a sermos 'virtuais' também. E isso não é novidade. Pelo menos, desde a revolução industrial que acontece. A identidade pluralizou-se. Quando a Mel perguntou quem é e como se vê o Damasco, respondi-lhe como surgiu o nome, consciente de que isso não esgota a questão e mal a aflora. Provavelmente, seria mais exacto perguntar "Quem sois tu?", ao que responderia "Eu somos". Neste caso, a linguagem desencontrou-se do pensamento e veicula a ilusão de que somos unos ou, pelo menos, que somos sempre a mesma pessoa, que não mudamos de humor, que não nos comportamos de formas diferentes...

Na verdade, o virtual existe desde que a imaginação e a capacidade de sonhar se tornaram dons da espécie humana. Faz parte de cada um e é tão real quão reais podem ser estas palavras.

